

O Que Temos Pra Hoje É Saudade¹: uma análise da cobertura da morte do cantor Cristiano Araújo no *Jornal Nacional*

Ana Laura Rodrigues DELLAPINA²

Giovanna Mendes ROSSINI³

Nathalia dos Santos LINO⁴

Rodrigo Sales CAVALCANTE⁵

Maria Lúcia de Paiva JACOBINI⁶

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

Resumo

Este artigo discute se houve sensacionalismo na cobertura da morte do cantor Cristiano Araújo, em 24 de junho de 2015, feita pelo *Jornal Nacional*, da Rede Globo. Para isso, parte-se do conceito de sensacionalismo para observar os cinco dias em que o telejornal noticiou o fato. A análise foi feita a partir da codificação dos dados que quantificam os elementos textuais, sonoros e imagéticos do conteúdo selecionado entre os dias 24 de junho e 02 de julho, semana de repercussão do acidente.

Palavras-chave: sensacionalismo; telejornalismo; cultura sertaneja; *Jornal Nacional*.

Este artigo tem como objetivo principal identificar se houve sensacionalismo na cobertura jornalística do *Jornal Nacional* sobre a morte do cantor Cristiano Araújo entre os dias 24 de junho e 02 de julho de 2015, semana na qual o fato repercutiu na mídia brasileira. Os objetivos específicos visam analisar e entender como foi organizada a cobertura a partir do tempo; fontes selecionadas; e imagens escolhidas.

O tema foi escolhido devido à ampla cobertura feita pelo *Jornal Nacional* sobre a morte do cantor e pela repercussão que o fato teve na primeira semana após o acidente. Considera-se ainda a relevância de Cristiano Araújo para a música sertaneja. A amostragem selecionada ajuda a identificar os elementos mais relevantes que compõem as notícias, as chamadas e as cabeças dentro do telejornal durante o período de maior repercussão do fato.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: anadellapina@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: gigi-rossini@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: nathalialino@terra.com.br

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: rodrigocav96@gmail.com

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: maria.jacobini@puc-campinas.edu.br

A análise foi feita por meio de um questionário, elaborado com o intuito de quantificar e qualificar as unidades de registro relevantes. A quantificação é dada com base na frequência de apresentação dos elementos em cada edição do telejornal dentro do período de amostragem. Entre as unidades de registro propostas estão o conteúdo das imagens, qualificação das fontes, trilhas sonoras e também as unidades temporais. Para a análise de texto, foram selecionadas palavras-chave que tenham relação com expressões empregadas nas construções jornalísticas. A discussão sobre sensacionalismo é feita a partir de autores como Angrimani, Rausch e Rondelli e Herschmann.

A Rede Globo e o *Jornal Nacional*

Segundo Mattos (1990), a Rede Globo surgiu em 1965, tendo, inicialmente, o respaldo financeiro e técnico do grupo americano *Time/Life*. De acordo com dados publicados em 1985 na revista *Status*, a emissora só era superada pelas norte-americanas BBS, ABC e NBC.

O *Jornal Nacional*, principal telejornal da Globo e o primeiro do país a ser transmitido em rede nacional, estreou no dia 1 de setembro de 1969 e tinha como objetivo concorrer com o Repórter Esso, da TV Tupi. Ao longo de sua história, seu objetivo passou a ser de conseguir sempre uma coincidência de temas entre o que foi veiculado e o que está na primeira página dos principais jornais impressos.

Atualmente, é o programa de TV mais assistido do Brasil no seu horário, embora tenha perdido cerca de 28% de sua audiência a partir de 2015⁷. Contudo, o *Jornal Nacional* tem grandes índices de audiência e um dos motivos é que:

Está disponível a todos os brasileiros com acesso a energia elétrica e uma televisão diante dos olhos. Esse cidadão pode viver no campo, em local ermo, onde o sinal terrestre de TV não alcance sua antena. Ainda assim, uma parabólica será capaz de capturar o *Jornal Nacional* diretamente do satélite. Nisso, o JN se afasta abissalmente dos jornais impressos, que dependem de uma logística de distribuição física própria para vencer a geografia e chegar aos leitores. Jornais impressos são pagos, enquanto o JN é gratuito. Além do fato incontornável de que jornais são produtos voltados exclusivamente para cidadãos alfabetizados (BONNER, 2009, p.15)

O gênero sensacionalista no jornalismo

⁷<http://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2016/02/09/em-quatro-anos-jornal-nacional-perde-28-de-seu-publico.htm>. Acesso em 15/06/2016, às 14 horas.

Angrimani (1994) abre sua discussão sobre o conceito de sensacionalismo definindo-o através do verbete no Dicionário Aurélio.

Sensacional – Adj. 2. 1. Que produz sensação intensa. 2. Referente à sensação. 3. Que desperta viva admiração ou entusiasmo; espetacular, formidável; um filme sensacional.

Sensacionalismo – S.m. 1. Divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. 2. Uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos etc, com o mesmo fim. 3. Exploração do que é sensacional na literatura, na arte, etc.

Sensacionalista – Adj. 2g. Em que há, ou que usa sensacionalismo; notícia sensacionalista; jornal sensacionalista (ANGRIMANI, p.13)

Na sua tentativa de definir o conceito de sensacional, cita Mott (1941), para quem “o termo sensacionalismo poderá ser usado para o tratamento particular que um jornal dá às crises, desastres, sexo, escândalos e monstruosidades” (apud ANGRIMANI, 1994, p.14).

Dentro do gênero, existe também a característica de homonímia, a qual coloca celebridades e personalidades como detentoras de uma “aura” mística, legendária, mórbida e ambígua (1994, p. 100). No entanto, o autor ressalta que o jornalismo sensacionalista não é um gênero sanguinário, mas sim um estilo de redação baseado em um fascínio natural do homem pela morte, sangue e violência.

O público mais envolvido com o sensacionalismo é o das camadas mais baixas da sociedade, que tem, normalmente, uma formação cultural mais precária. Porém, não procede a ideia de que as notícias são apenas para esse público, segundo Teixeira (2011). Casos como o da garota Isabela Nardoni, que aconteceu em um apartamento de classe alta, com pessoas bem instruídas e de boa situação financeira, mostram que independente da realidade social, o objeto do sensacionalismo pode estar presente.

Segundo Angrimani (1994), é difícil de precisar o nascimento do jornalismo sensacionalista, uma vez que, para o autor, este conceito está enraizado na imprensa desde seus primórdios. Já para Gontijo (apud RAUSCH, 2011), o sensacionalismo já estava presente nas cantigas e histórias sensacionais contadas em praças públicas e tavernas nos séculos XV e XVI. Era comum a circulação de algumas brochuras, conhecidas como “*ocasionales*”, as quais continham uma grande quantidade de *fait divers* e a predominância do exagero.

Os *fait divers* compõe a maior parte do conteúdo das publicações populares e também se baseiam no triângulo sexo-crime-escândalo. Assim, as grandes reportagens são deixadas de lado e não há preocupação na busca por “furos” – características que mais distancia as publicações populares brasileiras dos grandes referenciais americanos, como o “*Journal*”, de William Hearst (ANGRIMANI, 1994).

O autor cita como *fait divers* as “mortes trágicas, insólitas e extraordinárias”, sempre trazendo personagens tipificados como importantes e que perdem suas vidas tragicamente. Logo, estas pautas reúnem temas que não pertencem a nenhuma editoria.

Segundo Angrimani, “o jornal sensacionalista transforma a morte em seu assunto de capa, como se rendesse um culto diário e fetichizado à morte” (1994, p.53). O conteúdo pautado na morte é, de acordo com suas ideias, o que vende os jornais, e o que pressupõe-se que o público gosta de ler, dado que é um tema que tem a capacidade de atrair todo tipo de público, independente de seu nível sociocultural..

A morte e a construção do herói

Para Matos (1994), a construção da imagem de uma determinada pessoa, pode ser determinada pelos meios midiáticos após sua morte, fazendo com que sua vida seja exibida de forma heróica e que o artista continue a “existir” de modo que sua morte passe a ser apenas o esquecimento.

A autora ainda crítica a espetacularização criada em cima de momentos fúnebres, como a transmissão de velórios e missas, um momento íntimo e de dor para os familiares. “Os que assistiram aos rituais fúnebres, viram o fantasma da missa, seu simulacro. A missa mortuária foi transformada em entretenimento público, a dor exposta em estetização” (1994).

De acordo com Rondelli e Herschmann (2000), a indústria utiliza a morte das pessoas que possuem e geram grande visibilidade para movimentar o mercado através de biografias, documentários, entrevistas, tudo o que aguce o interesse das pessoas sobre a vida da pessoa já falecida.

A repercussão da morte de Cristiano Araújo no Jornal Nacional

O cantor Cristiano Araújo nasceu em 24 de janeiro de 1986, em Goiânia, e se destacou no mercado da música sertaneja em 2011, ao lançar o álbum "Efeitos". Sua trajetória começou ainda quando criança e cresceu com participações em programas como *Festival do Faustão* e campanhas políticas. Em 2010, gravou “com participações de grandes artistas de renome nacional, como Jorge (da dupla Jorge & Mateus), Gustavo Lima, dentre outros. Sua música “Efeitos” teve mais de 5 milhões de acessos.

Na madrugada do dia 24 de junho de 2015, Cristiano Araújo e sua namorada Allana Moraes, de 19 anos, voltavam de um show em Itumbiara, quando o carro em que estavam saiu da pista e capotou. O acidente envolveu mais duas pessoas, o motorista Ronaldo Miranda e o empresário Vitor Leonardo. Allana faleceu no local do acidente, enquanto Cristiano e os outros dois foram levados ao Hospital Municipal de Morrinhos. Devido à gravidade, o cantor teve que ser transferido ao Hospital de Urgências de Goiânia. No entanto, durante o trajeto de helicóptero, o cantor teve uma hemorragia interna e faleceu.

A cobertura do acidente e da morte do cantor foi feita em cinco dias. No primeiro, 24 de junho, dia da morte de Cristiano Araújo e de maior repercussão, o tema foi tratado em três oportunidades, uma em cada bloco do programa, com diferentes tempos e meios.

Na escalada⁸, a morte do cantor foi assunto durante os 20 primeiros segundos de um total de um minuto, mostrando ao telespectador que aquela seria a notícia mais importante do dia. Ela começa com um vídeo, de oito segundos de duração, de uma música do cantor e depois dá a informação da sua morte e da sua namorada, Allana Moraes. Em comparação, a cheia do Rio Solimões no Amazonas, que deixou uma cidade inteira debaixo da água, teve seis segundos de duração na escalada. Isso se deve a atenção que uma morte, ainda mais de uma pessoa conhecida, recebe nos jornais.

A reportagem começa com vídeos com shows do cantor e as falas são sobre a sua felicidade com a carreira. Marcondes Filho diz que “O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da sua notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece” (1986 apud ANGRIMANI, 1994, p.15) e é o que acontece nessa abertura e em outros momentos da reportagem.

Na sequência, o acidente vira o tema da reportagem. Conta-se o que se sabe do acidente, o local e principalmente imagens do carro destruído. Essas imagens são o motivo da notícia receber ainda mais atenção, pois chamam a atenção do público para o que aconteceu. A operação de resgate é mostrada, falando que a Allana havia morrido na hora, mas que o cantor ainda estava vivo e levado ao hospital de helicóptero. Nessa hora, o repórter entrevista o médico que o atendeu, visivelmente transtornado e emotivo, dizendo que ele estava respondendo e chegou a ser estabilizado, mas não resistiu.

Para finalizar a reportagem, o repórter aparece e fala sobre duas hipóteses do quais seriam as causas do acidente: Ou o motorista estava em alta velocidade ou cochilado enquanto dirigia. Com uma ânsia de achar um culpado e puni-lo, uma das características do

⁸ Seleção das notícias mais importantes apresentadas no início do telejornal.

Sensacionalismo (TEIXEIRA, p. 22, 2011), o *Jornal Nacional* imputa, em sua primeira reportagem, a culpa ao motorista, ao dizer que apenas essas duas hipóteses existem naquele momento, apesar de depois citar o não uso do cinto de segurança pelo casal.

A fala volta para a apresentadora Renata Vasconcellos, dando início a uma nova abordagem sobre o fato, com uma outra reportagem, sobre como a comunidade da música sertaneja reagiu a essa notícia. Depoimentos de duplas famosas dentro desse meio, como Chitãozinho e Xororó, Victor da dupla Victor e Léo, além de postagens nas redes sociais de outros cantores, como Leonardo, aparecem na matéria.

A presença dessas pessoas tem relação com o discurso competente, ou seja, cantores famosos internacionalmente e com carreiras de sucesso falando sobre Cristiano mostram que ele fazia parte do mundo sertanejo. Esses nomes falando sobre a morte do Cristiano Araújo mostram a importância que ele tinha no mundo sertanejo, dando ainda mais relevância a sua pessoa e a sua morte.

Depois disso, a fala vai para o apresentador Willian Bonner, com uma nova reportagem com outro enfoque: a história do Cristiano Araújo. O perfil do cantor é feito, com imagens dele com os filhos e a família, vídeo de infância de quando ele começou a se apresentar, ainda garoto, depoimento do tio sobre a sua personalidade, shows e músicas que mais fizeram sucesso, e participações em programas da Globo. A sua religiosidade é trazida à tona, mostrando uma apresentação na Igreja.

É também reproduzida uma mensagem da mãe do cantor no *Twitter*, dizendo que “Entender a vontade de Deus nem sempre é fácil”, em linha com Rondelli e Herschmann, para quem

Tal como na narrativa cristã da morte e da ressurreição em que o sujeito ingressa no mundo dos mortos para uma nova vida, o morto famoso ingressa no mundo do espetáculo e passa a ter a sua vida editada e reeditada para usufruto e exemplo de quem permaneceu (2000, p. 5)

Além disso, são utilizadas narrativas melodramáticas, parecendo um clipe ou uma novela, para que a pessoa queira assistir (ROCHA, SANTOS, 2013). Essa história de vida do cantor emociona ao se ver o sonho de infância virar realidade. Suas músicas de sucesso também são mostradas com a intenção de dizer que Cristiano já era conhecido em rede nacional e que a emissora já tinha introduzido ele ao público anteriormente.

Para se fixar o acontecimento na memória, a adesão maciça do público ao acontecimento é fundamental. A cobertura deste acontecimento parece produzir mais impacto e comoção social, à medida que o público, especialmente o das camadas populares, não só se identifica com o “personagem” célebre (e isso ocorre quase sempre quando essa trajetória de vida está sintonizada com os códigos e valores hegemônicos), mas também quando se produz a clara sensação de que “projetos de vida”, ações, foram prematuramente interrompidas. Nesses

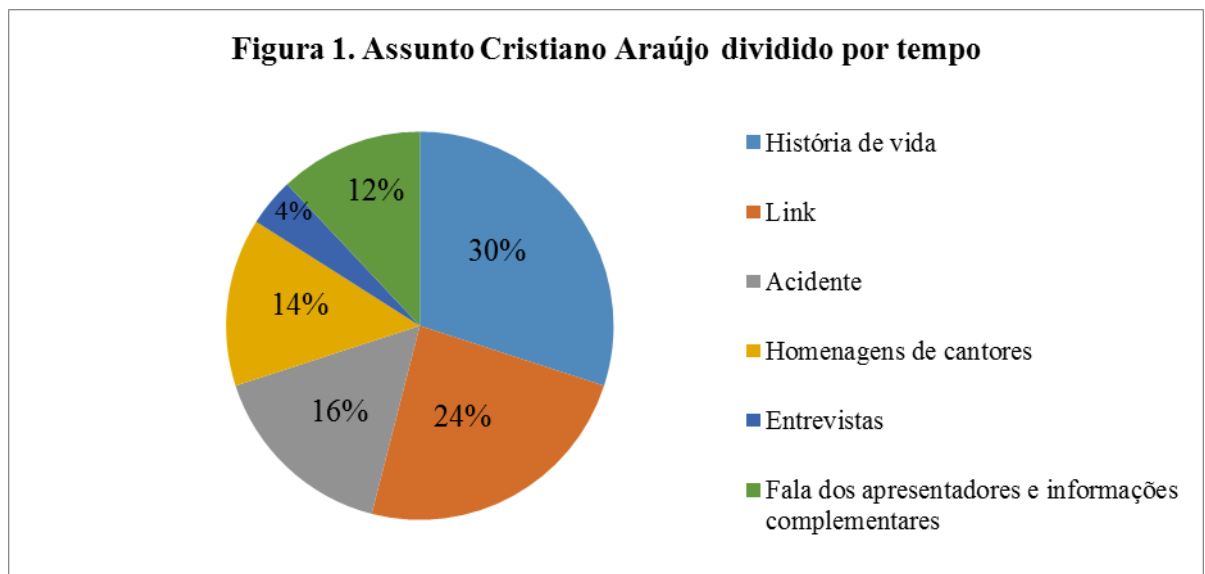
casos, a dimensão trágica parece especialmente exacerbar-se (RONDELLI & HERSCHMANN, 2000, p. 7)

Mesmo com o fim das reportagens, o assunto Cristiano Araújo não sai da pauta. A apresentadora inicia um *link*⁹ com um repórter em Goiânia, do local onde o corpo de Cristiano e da sua namorada estão sendo velados. O repórter informa sobre como está à movimentação, com imagens da fila de fãs, com rostos abatidos, do lado de fora do ambiente, além da notícia de quem já havia passado pelo local, especialmente as duplas sertanejas que apareceram na reportagem.

Outra informação nova apresentada é o estado de saúde do motorista e do empresário do cantor, que ainda estavam internados.

Ao todo (Figura 1), foram oito minutos e 40 segundos sobre Cristiano Araújo no primeiro bloco, divididos em:

- 30% do tempo, ou dois minutos e 48 segundos, foram dedicados a história de vida do cantor;
- 24% do tempo ou dois minutos, foram dedicados ao link;
- 16% do tempo ou um minuto e 32 segundos foram dedicados ao acidente;
- 14% do tempo ou um minuto e 20 segundos foram dedicados a homenagens dos cantores;
- 4% ou 35 segundos foram dedicados a entrevistas;
- O restante fica dividido entre as falas dos apresentadores e apresentações do cantor.



⁹ Cobertura jornalística realizada ao vivo.

É interessante notar que o tempo destinado à vida do cantor foi quase o dobro do tempo dedicado ao acidente, que era o fato novo (um minuto e 16 segundos a mais). Em termos de informações novas, a divisão é de 24% do link, 16% do acidente e 4 % de entrevistas, totalizando 44% do total. Essa porcentagem é a mesma da história do cantor com as suas homenagens.

Isso mostra que o personagem na televisão é tão importante quanto à morte dele, que é a notícia em si. Como não havia muito conteúdo sobre a morte, já que as investigações ainda estavam no começo, o foco ficou sobre o personagem. O segundo bloco tem a duração de 13 minutos, sendo que os últimos dois minutos e meio são sobre a morte do Cristiano Araújo e da sua namorada. A apresentadora faz novamente um link com o repórter que está em Goiânia, acompanhando o velório.

Duas informações novas são apresentadas. Uma é a prévia do laudo, disponibilizada pelo delegado, de que não havia marcas de frenagem no local do acidente, novamente indicando uma culpa ao motorista, sobre o que pode ter acontecido é informada pelo repórter, mostrando imagens do acidente. A outra é o resultado do teste do bafômetro realizado pelo motorista: negativo. Ou seja, as duas informações apresentadas tentam achar um responsável pelo acidente.

Dentro dos dois minutos e 30 segundos de link, 43% ou um minuto e cinco segundos, são de informações novas, com o restante do tempo tendo como assunto fatos já mencionados pelo próprio jornal sobre o andamento do velório, as duplas sertanejas que passaram no local, a família do cantor e a fila de fãs. Importante notar que o repórter continua dentro do velório, com os caixões, fãs e coroas de flores em segundo plano, para atingir o emocional do público, de modo a monopolizar a audiência. (RONDELLI & HERSCHMANN, 2000)

No terceiro e último bloco do *Jornal Nacional*, há mais um *link* com o repórter de Goiânia para finalizar o programa. Novas informações são trazidas, como o horário e local do enterro do cantor e as homenagens feitas nos lugares onde o cantor tinha shows marcados. O repórter continua no velório, com imagens dos fãs perto do caixão.

Com relação ao tempo, o bloco foi o menor do programa, com sete minutos. Desses, um minuto e meio foram dedicados ao link sobre o Cristiano Araújo, com 23 segundos de informação nova, ou 25% desse tempo.

E, assim, o efeito dramático é potencializado pela cobertura da mídia, que passou a adotar a morte de alguns ricos e famosos, cuidadosamente selecionados, como

um prato preferencial. Para isso, já desenvolveu, inclusive, um certo *modus operandi* e conseguiu trazer a morte para dentro das casas (...) levados por celebridades do mundo artístico e político, que têm a mídia como o seu habitat natural (RONDELLI & HERSCHMANN, 2000, p. 5)

Pode-se dizer que a programação do *Jornal Nacional* foi alterada pela morte do Cristiano Araújo. De um total de praticamente 42 minutos de programa, 12 minutos e 40 segundos são sobre o assunto. Em comparação, o segundo assunto mais comentado do dia, uma notícia sobre crise na economia do país, com a notícia que o Banco Central previa inflação de 9% durante 2015, o dobro que o governo previa, teve duração de três minutos e 50 segundos.

No dia 25 de junho, um dia após o acidente, o *Jornal Nacional* começou o programa relatando o acontecido. Realizado no Centro Cultural Oscar Niemayer, o velório do casal é o primeiro VT¹⁰ a ser passado dando início a cobertura da morte do cantor.

Com dois minutos e 35 segundos de VT, em tom melodramático, o primeiro bloco é composto por depoimentos de fãs e familiares emocionados com a perda do ídolo. Para mostrar uma popularidade do cantor na “rede” sertaneja, foram entrevistados outros cantores conhecidos que estavam presentes no velório.

Um espaço grande é dado dentro da reportagem aos fãs que voltam a ser fonte, contando o quão importante era a figura do Cristiano e falta que provocará no mundo da música sertaneja.

Ao voltar para o estúdio, William Bonner faz uma pequena chamada para o segundo VT que agora acompanhará o enterro de Cristiano e Allana, de dois minutos e 47 segundos de duração. Assim como o anterior, se inicia com um fã, que fala da dor de ter perdido seu ídolo. O relato de um cantor que diz o quão ele era querido entre a “comunidade” sertaneja, complementa a frase.

Aparece então o primeiro *link* com uma frase curta do repórter ao mesmo tempo em que se mostra o pai do cantor em cima de seu caixão, seguido por uma saída aclamada por aplausos dos fãs de Cristiano.

Rafael Vanucci, diretor de comunicação do cantor, é quem dá continuidade às falas das fontes a fim de agradecer o público pelo carinho e pela homenagem prestada tanto Cristiano quanto à Allana.

¹⁰ Videotape – nome dado ao material previamente gravado pela emissora

É mostrado então que a namorada do cantor fora enterrada mais cedo no mesmo cemitério e que os sobreviventes do acidente, o motorista e o empresário do cantor tinham deixado a UTI, mas permaneciam no hospital.

Voltado agora para a parte da investigação, durante o VT é relatado que a Polícia Civil começaria a ouvir os depoimentos no dia seguinte e que já tinha identificado que as rodas no carro de Cristiano não eram originais, o que seria motivo de investigação. O laudo ficaria pronto em 30 dias e a polícia também estava investigando a velocidade do carro como causa. Um delegado é entrevistado para fechar esse núcleo a respeito das possíveis explicações para o acidente.

Outro enfoque é dado novamente aos fãs, agora em Londres, sobre sua importância para a comunidade brasileira que lá vive e o quão ele era “adorado” pelas pessoas, que, segundo o próprio Cristiano, eram um público mais “fiel” lá do que no próprio Brasil.

Um novo trecho de seu show é mostrado, com uma pequena narração do repórter, finalizando a matéria com um concerto de Londres; seguida por uma nota coberta de outro falecimento, do músico Nico Fagundes, poeta, compositor, ator, advogado e apresentador de televisão brasileiro, mais conhecido na cultura gaúcha, com 30 segundos de duração.

Ao final da matéria apresentada pelo *Jornal Nacional*, é notável o grande enfoque dado aos fãs do cantor de modo a mostrar sua “popularidade”, contrapondo com matérias feitas sobre uma regionalização do personagem. O show de Cristiano em uma comunidade brasileira em Londres dá a dimensão de sua popularidade também fora do país.

Outro ponto importante é a dramatização dada que pende para o sensacionalismo a partir do enfoque dado, o do cantor como “herói” a gerar uma popularização que aproximam o público da história narrada.

Os *offs*¹¹ também geram uma dramatização que atrai a atenção do público, intensificando assim a voz de pesar da matéria. Outro ponto foi mostrar o pai do cantor sobre o caixão de Cristiano, sua mãe e até mesmo amigos e parentes em um momento de dor e tristeza, invadindo a privacidade da família de modo a buscar uma forma de se prender o público e conquistar uma audiência maior.

Gadini; Martins & Sousa fazem uma observação a respeito desse fato.

O enunciado da mídia busca atingir emocionalmente o público. São closes e big-closes de caixões, velórios, velas a arder, enterros, missas fúnebres, cenas, choros e depoimentos de parentes, amigos, e/ou fãs transtornados. O tom de tragédia, a (re)dramatização do acontecimento, tudo em geral é construído nos mínimos

¹¹ Narração realizada pelo repórter para interligar as entrevistas que compõe a matéria.

detalhes no sentido de mobilizar o telespectador, o leitor e monopolizar a audiência (2013, p.207)

Depois de dois dias veiculando o fato de maneira ampla, o *Jornal Nacional* traz, na edição de 26 de junho, apenas uma nota coberta¹² sobre o acidente que vitimou o cantor Cristiano e sua namorada. A repercussão se dá pela nova gravação obtida pelo telejornal, na qual aparecem o empresário e o motorista do cantor pouco antes do horário do acidente.

É a partir deste dia que nota-se uma diminuição de espaço dado, que começa a ser tratado através de pequenas notas cobertas que valorizam apenas novos desdobramentos e repercussões do acidente. Com a notícia cada vez mais “fria”, o telejornal começa a ceder menos espaço para o fato, transmitindo apenas as novas informações.

Ao longo dos dois primeiros dias de cobertura, somou-se cerca de 20 minutos dedicados ao tema, todos tratados em reportagens ou notas cobertas extensas, além de diversos links. Porém no dia 26 de junho, as novas informações ligadas ao fato são levadas ao público através de uma única nota coberta, com tempo total inferior a um minuto.

Na escalada do telejornal, a informação é a sétima a ser chamada pelos apresentadores. O destaque é para as imagens, que mostram o motorista e o empresário do cantor “minutos antes do acidente”, como diz Bonner. No entanto, a nota coberta, de 40 segundos, tem espaço apenas no segundo bloco do telejornal e não faz qualquer tipo de gancho com a informação que a procede: Uma briga de adolescentes que provocou desentendimentos na cidade do Rio de Janeiro.

Da totalidade do tempo utilizado para a nota, 27 segundos são dedicados aos fatos novos. É mencionada a alta hospitalar de Ronaldo Miranda, motorista, e Vitor Leonardo, empresário do cantor, destacando também que ambos viajavam com Cristiano e Allana na noite do acidente. Aqui, o trecho é coberto por imagens que mostram Ronaldo e Vitor saindo da ambulância e ainda sendo medicados. Na sequência, são usadas fotos do casal, já muito exploradas pela emissora, com o objetivo de relembrar o público sobre as vítimas.

A nota aborda então a maior novidade sobre o tema: a divulgação de imagens da câmera de segurança de um posto de serviços, aonde Ronaldo e Vitor aparecem comprando comida e café. O *off* diz, e sinaliza na tela, o horário da gravação: apenas 20 minutos antes do horário registrado pela polícia rodoviária federal. Apenas nestes últimos segundos da nota coberta que aparecem imagens estáticas do carro capotado novamente.

É neste final há a presença de uma pequena espetacularização ainda como artifício do *Jornal Nacional*. Nota-se a tendência sensacionalista citada por Angrimani (1994), na

¹²Nota gravada ou feita ao vivo pelo apresentador, na qual sua voz é sobreposta por imagens.

qual há uma superdimensão de um fato que originalmente não possui uma relevância tão grande com o objetivo de fisgar o público através de sua emoção e curiosidade, contribuindo assim para a audiência do programa.

Cinco dias após depois, o acidente ainda é veiculado pelo telejornal, devido à apuração de novos fatos. A informação é a sexta a ser dada na escalada e já afirma a novidade: O motorista do cantor admitiu o excesso de velocidade na noite do acidente. A fala de William Bonner é coberta por uma fotografia de rosto do motorista e também por imagens feitas do carro destruído após o capotamento.

No entanto, é curioso ressaltar que a nota coberta produzida pela equipe do JN entra apenas após uma reportagem sobre a fiscalização do limite de velocidade em rodovias federais e como o uso de radares diminuiu o número de acidentes em diversas regiões. Com 35 segundos de duração, é feita na voz de Renata Vasconcelos.

O primeiro fato inédito, mas que é trabalhado como repercussão do acidente, é a apuração feita pela polícia de Goiás, que ouviu o motorista do cantor, Ronaldo Miranda. Em seu depoimento, admitiu estar acima do limite de velocidade permitida na noite do acidente. São exibidas também imagens nas quais o motorista aparece ainda hospitalizado entrando em uma ambulância, além de fotografias que destacam a relação próxima entre ele e Cristiano.

A cobertura realizada pelo veículo nos dias da morte do cantor e de seu velório são de caráter extremamente sensacionalista, e pode ter desencadeado no público a ânsia por um “criminoso” que teria causado o acidente. No entanto, é neste momento que o telejornal desconstrói a imagem de culpa do motorista, elencando na sequência outras questões que teriam causado a morte de Cristiano e Allana.

É abordado também um dos motivos que podem ter causado o acidente, explorado no depoimento de Ronaldo. O motorista diz ter sentido um barulho em uma das rodas do carro no momento em que perdeu o controle do veículo. Além disso, contou que as rodas tinham sido trocadas recentemente por outro jogo de rodas já utilizado. Neste trecho, são exibidas fotografias do acidente que mostram como o veículo ficou após o capotamento.

Por fim, é mencionado que o empresário, Vitor Leonardo, afirmou à polícia que o casal não estava usando o cinto de segurança no momento do acidente. Aqui, o *off* usa imagens do empresário também hospitalizado e rapidamente passa a exibir fotografias do casal provenientes de arquivo pessoal. Este é o momento em que o telejornal coloca mais

uma vez que não há culpados para a fatalidade e sim a imprudência do cantor e de sua namorada por estarem usando o cinto de seguranças.

A edição do dia primeiro de julho foi a última vez que o fato é lembrado pelo *Jornal Nacional*. Sem estar presente na escalada da edição, a nota coberta produzida pelo telejornal entra logo após a previsão do tempo, sem gancho¹³ com o assunto anterior. Os 20 segundos são dedicados a uma repercussão do acidente: a realização da missa de sétimo dia em homenagem ao cantor Cristiano e Allana. Sem trilha, a nota é feita na voz de William Bonner e ilustra a celebração que começou “agora há pouco”. O texto traz informações sobre os fãs, que acompanhavam a missa do lado de fora da Igreja Nossa Senhora da Assumpção em Goiânia e menciona também que a celebração deveria ter sido feita no dia anterior, mas a família do cantor havia decidido realizá-la na quarta-feira, dia que Cristiano costumava frequentar a igreja.

O pequeno espaço concedido durante a edição para a veiculação da notícia é ilustrada por *takes*¹⁴ dos fãs celebrando a missa e também uma tomada aberta, que mostra o padre sobre o altar e em frente à uma igreja completamente lotada. De acordo com Oliveira-Cruz, o espetacular e sensacional está ligado diretamente às emoções e, mais que isso, a sensibilização que a narrativa traz para a audiência.

Mesmo que um corpo moribundo não esteja visível aos nossos olhos, os gestos ritualísticos, como o luto, a dor, os choros, os depoimentos de pessoas próximas, o cortejo fúnebre, além das visitas aos jazigos, são formas de representar a morte através da dramatização (apud ROCHA & SANTOS, 2013)

Apenas no final da nota é exibida uma foto do casal, também muito usada pela emissora, quando é mencionado sobre o dia no qual o cantor ia à missa. Em toda a nota coberta, o nome de Cristiano e Allana é mencionado apenas uma vez por Bonner, antes de entrarem as imagens que cobrem o *off*.

Através da comparação dos espaços de tempo dados ao fato ao longo do período analisado, é perceptível a perda de importância do tema, através da diminuição de relevância dos formatos utilizados para trazer as informações ao público. No primeiro dia, são usados diversos formatos jornalísticos, como reportagens, notas cobertas extensas e vários links para dar a notícia da morte do cantor Cristiano e de sua namorada, Allana. Somam-se mais de 12 minutos dentro de toda a edição do programa, além do tratamento especial dado ao tema durante o primeiro bloco, no qual ocupou mais de 8 minutos. No segundo dia, o fato recebe tratamento similar, sendo explorado através de três reportagens e

¹³ Ligação feita entre matérias e reportagens

¹⁴ Sinônimo de *videotape*

somando quase 8 minutos dedicados a cobertura dos desdobramentos do fato e sua repercussão, além da construção da trajetória do cantor na música sertaneja. Apenas em duas edições, o assunto pauta cerca de 20 minutos do telejornal.

Já nos outros três períodos de análise, a repercussão do fato passa a ser dada de maneira mais objetiva, através de notas cobertas, nenhuma com mais de 40 segundos de duração. Se somadas, as três notas cobertas veiculadas nos dias 26 e 29 de junho e 1 de julho, correspondem a 6,75% do tempo utilizado pelo veículo para a cobertura do fato durante os dois primeiros dias de análise.

Considerações

O nome de Cristiano Araújo foi o mais comentado do *Twitter*, com quase 60 mil¹⁵ menções por hora no dia da sua morte. Outra morte marcante de 2015, a do candidato à Presidência Eduardo Campos, ficou longe de ser tão comentada no quanto a do cantor. Para efeito de comparação, o nome de Eduardo Campos foi mencionado 129 mil¹⁶ vezes durante o dia da sua morte, enquanto as já comentadas 60 mil menções sobre Cristiano foram por hora. Segundo o próprio *Facebook*, o assunto Cristiano Araújo foi o quarto mais comentado durante todo o ano de 2015, ficando atrás apenas de Dilma Rousseff, Lula e Escândalo da Petrobrás. Sabendo disso, não dá para dizer que ele não merecia uma cobertura especial pelo *Jornal Nacional*.

Por isso, através da pesquisa, foi averiguado que a cobertura da morte do cantor sertanejo Cristiano Araújo, realizada pelo *Jornal Nacional* teve sensacionalismo no que cabe ao modo como foi apresentada a notícia, com muito espaço para a história do cantor e sua trajetória, sempre ressaltando sua felicidade e planos futuros.

É importante ressaltar também que, apesar da cobertura realizada pelo telejornal ser extensa ao longo da semana, é perceptível a diminuição do caráter sensacional ao longo do tempo. Nos outros três momentos em que o acidente foi abordado pelo telejornal – dias 26 e 29 de junho e 01 de julho – o fato teve pouco espaço e foi reduzido a pequenas notas cobertas. A cobertura de sua morte se coloca como um fato de relevância, devido a sua

¹⁵http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/24/politica/1435157843_809542.html. Acesso em: 19 de maio de 2016.

¹⁶<http://www.cidademarketing.com.br/2009/n/18762/o-impacto-da-morte-de-eduardo-campos-nas-redes-sociais.html>. Acesso em: 19 de maio de 2016.

popularidade, elevado número de fãs e músicas de sucesso no meio sertanejo, mas acaba fugindo dos padrões de assuntos abordados pelo *Jornal Nacional*. No entanto, o telejornal utilizou sensacionalismo nos primeiros momentos de cobertura do fato, tornando-o espetacular e preocupando-se em mostrar sempre a emocionalidade e a comoção que a morte do cantor causou em parte dos brasileiros através de imagens e da exaltação da trajetória do cantor.

Referências

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995.

BONNER, Willian. **Jornal Nacional: Modo de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

GADINI, Sérgio; MARTINS, Ana Claudia; SOUSA, Ana Cristina de. **Mídia e cultura, a influência da música sertaneja no imaginário social contemporâneo**. 14 p. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/83bfd3354dba45556d0f8054ad79bb6b.pdf>>.

Acesso em: 28/09/2015.

MATOS, Olgária Chain Féres. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. **Tempo e Sociedade**, São Paulo, v.6, n.1-2, 1994.p. 83-90. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701994000100083&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28/09/2015.

MATTOS, Sérgio. **Um Perfil da TV Brasileira: 40 Anos de história**. Bahia: A tarde, 1990.

RAUSCH, Fábio Antônio Flores. **O jornalismo sensacionalista na imprensa Sul-Riograndense: Uma proposta de codificação de gênero**. 2011. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. 144 p.

ROCHA, Paula Roberta Santana; SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro dos. **A Morte como Espetáculo Midiático**. 2013. 15 p. Disponível em:

<<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0039-1.pdf>>.

Acesso em 28/09/2015.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo e Sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 1, 2000. p. 201-218. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702000000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28/09/2015.

TEIXEIRA, Marieli Rangel. **As Propriedades do Jornalismo Sensacionalista: Uma análise da cobertura do Caso Isabella Nardoni**. 2011. 122 páginas. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. 122 p.